

A REPRESENTAÇÃO DE VENEZUELANOS E VENEZUELANAS NA MÍDIA LOCAL EM RORAIMA

THE REPRESENTATION OF VENEZUELANANS IN THE LOCAL MEDIA IN RORAIMA

LA REPRESENTACIÓN DE VENEZOLANOS Y VENEZOLANAS EN LOS MEDIOS LOCALES EN RORAIMA

José Tarcísio Oliveira Filho

■ Docente da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Seus trabalhos mais importantes são: Proximidade no telejornalismo local e regional (2019), Qualidade no Telejornalismo Público (2017).

■ E-mail: jtarcisiofilho@gmail.com

Tatiane Hilgemberg

■ Docente da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Seus trabalhos mais importantes são: Atleta Real x Atleta de Papel: A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa (2017), Os atletas paraolímpicos na imprensa: análise comparativa da cobertura noticiosa da mídia no Brasil e em Portugal de 1996-2008 (2010).

■ E-mail: tatianehilgemberg@gmail.com



RESUMO

O artigo investiga a representação de imigrantes venezuelanos pela mídia local de Roraima, recorrendo aos estudos teóricos que se dedicam à interface da comunicação com os processos migratórios. São analisados 55 vídeos exibidos pelo telejornal JRR 1ª Edição, produzido pela Rede Amazônica, afiliada da Rede Globo em Boa Vista, e 218 notícias publicadas pelo site do jornal Folha de Boa Vista. A análise sugere um silenciamento por parte da mídia local que atinge não só a temática das migrações, mas a própria inclusão dos imigrantes na rotina produtiva e do cotidiano figurado pelas diferentes mídias.

PALAVRAS-CHAVE: MIGRAÇÕES; RORAIMA; VENEZUELA; MÍDIA LOCAL.

ABSTRACT

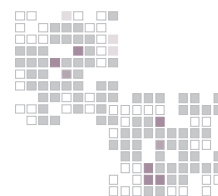
This research investigates the representation of Venezuelan immigrants in the local media of Roraima State, Brazil, through theoretical studies dedicated to the communication interface with migratory processes. We analyzed 55 TV news stories from *JRR 1ª Edição*, produced by Rede Roraima, Rede Globo affiliate in Boa Vista, and 218 news published on the local news website “Folha de Boa Vista”. The analysis suggests what we might call “silences” about the migration issue and the incorporation of Venezuelans into local media daily life.

KEYWORDS: MIGRATION; RORAIMA; VENEZUELA; LOCAL MEDIA.

RESUMEN

Este artículo investiga la representación de inmigrantes venezolanos por los medios locales en el Estado de Roraima, Brazil, utilizando estudios teóricos dedicados a la interfaz de comunicación con procesos migratorios. Analizamos 55 videos del noticiero JRR Primero Edición, producido por la filial de Rede Globo en Boa Vista, y 218 noticias publicadas por el sitio web Folha de Boa Vista. El análisis sugiere que hay un silencio por parte de los medios locales que afecta no solo el tema “migraciones”, sino la inclusión misma de los inmigrantes en la rutina productiva y en la rutina diaria de los medios.

PALABRAS-CLAVE: MIGRACIONES; RORAIMA; VENEZUELA; MEDIOS LOCALES.



1. Introdução

A segunda década dos anos 2000 tem sido marcada, no contexto das Américas, pelas crises humanitária, política e econômica da Venezuela (ONU, 2018). Desde a morte de Hugo Chávez, em março de 2013, travou-se uma disputa interna pelo poder entre grupos nacionalistas, representados pelo sucessor de Chávez, Nicolás Maduro, e membros da oposição. O barateamento e a queda na exportação do petróleo têm enfraquecido a economia do país latino-americano. A escassez de alimentos e de empregos, o descontrole da inflação e a incapacidade do Estado em lidar com tais problemas têm sido responsáveis por uma alta taxa de emigração (Hanson, 2018).

Segundo dados da Plataforma de Coordenação para Refugiados e Migrantes da Venezuela (R4V), uma plataforma regional que coordena as ações de assistência e integração dos refugiados e migrantes venezuelanos, até março de 2020 foram reportados quase cinco milhões de migrantes, entre refugiados, solicitantes de asilos e pessoas com autorização de residência em outro país. Os países que receberam maior número de venezuelanos foram Colômbia (754.085), Peru (628.976), Chile (472.827), Argentina (188.041) e Brasil (123.507). Nota-se a predominância de nações de língua espanhola e a presença dos países fronteiriços: Colômbia e Brasil.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2019) estima que 31.949 venezuelanos vivem na capital de Roraima, em Boa Vista, o que corresponde a cerca de 10% da população. Desse, 6.390 estão em abrigos geridos pelas Forças Armadas do Brasil e o ACNUR¹ e pouco mais de 1.500 imigrantes vivem em situação de rua na capital roraimense. O Governo Federal tem incentivado e criado programas, como a Opera-

ção Acolhida, para receber e redistribuir os imigrantes para outras partes do país, mas mesmo assim é comum a mídia roraimense destacar um prolongamento da crise venezuelana no estado utilizando termos como “crise migratória em Roraima” (G1, 2018).

Há ainda aspectos particulares dessa região fronteiriça que tornam o fenômeno migratório ainda mais complexo, como a emigração de índios da etnia Warao, que, segundo Aragão e Santi (2018), são os que vivem em piores condições na capital roraimense. Para os autores, a migração indígena venezuelana é inédita no mundo, visto que acontece num ambiente fora da transfronteira.

Diante dos acontecimentos sociais (Queré, 2005) que envolvem as migrações, a Venezuela, o estado de Roraima e o Brasil, este trabalho se propõe a discutir como o jornalismo e a mídia se inserem neste campo problemático. Para isso, adota-se a perspectiva do jornalismo enquanto um serviço público (Coutinho, 2013) que, assim como outras áreas básicas, como saúde, educação e segurança, também convoca para si a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Também realiza-se uma aproximação empírica com o Praça 1 JRR 1ª Edição, produzido e exibido pela Rede Amazônica, afiliada da Rede Globo em Boa Vista, Roraima, e com o site do jornal Folha de Boa Vista, principal impresso da região. O esforço analítico tem o intuito de identificar como a temática das migrações e os seus agentes são figurados pelo meios de comunicação.

2. O jornalismo como serviço público

Diversas vertentes teóricas discutem a função do jornalismo na sociedade. No entanto, há o consenso de que seu papel varia conforme os contextos políticos, culturais e da própria organização midiática. No Brasil existem três tipos de exploração do serviço de televisão, conforme o modo de financiamento e as propostas constitucionais. Jambeiro (2008) elenca o estatal, o

¹ Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) é um órgão das Nações Unidas para dar apoio e proteção aos refugiados.

comercial e o *public service*. No entanto, historicamente, o país é marcado por um sistema dominado pela exploração comercial dos canais televisivos e dos veículos noticiosos impressos e online – sendo, ainda, concentrados nas mãos de poucas famílias e empresários. Segundo Jambeiro (2008, p. 87), este modelo “procura dar ao público o que ele quer, segundo se conclua de pesquisas de preferência, mercado e audiência”, buscando ainda “atender interesses econômicos, políticos e ideológicos de anunciantes e dos estratos dominantes da sociedade”.

Apesar de Jambeiro (2008, p. 86) afirmar que “este sistema busca incessantemente delinear, seduzir e aprisionar audiências, cujo poder aquisitivo possa ser ‘vendido’ a anunciantes de produtos, serviços e ideias”, infere-se que as emissoras e os jornais privados, por se tratarem de concessões públicas, também são considerados um serviço público (Coutinho, 2013, p. 21-22). Portanto, eles não devem se nortear apenas pelos interesses publicitários e pelo índice de audiência, mas também pelos interesses sociais, numa concepção plural, com formação crítica e geração de autonomia daqueles que compartilham as discussões e decisões na esfera pública democrática.

Inicialmente, a discussão demonstra que independentemente do modo de financiamento do jornal (televisivo, online, sonoro ou impresso), seja ele público, estatal ou privado, sua produção e inserção com a sociedade devem ser vistas enquanto serviço público. Em outras palavras, lidar com a mídia enquanto serviço público abre caminho para observar os aspectos da mensagem – textos verbais, visuais, audiovisuais, sonoros – que contribuem para o desenvolvimento social. O interesse público ocupa um papel central neste exercício, principalmente quando lida-se com temas que fazem parte do cotidiano social, como é o caso das migrações.

A percepção sobre interesse público é presente nos códigos de ética dos jornalistas e nos discursos

institucionais das emissoras, sejam públicas ou privadas. Entretanto, seu significado é pautado por diferentes pontos de vista. É comum em entrevistas com profissionais ligados à área jornalística e nas políticas editoriais a menção do termo como um dos norteadores do fazer jornalístico. Em levantamento realizado em seis edições dos anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom (2009-2014), com o objetivo de identificar o que os pesquisadores consideram como sendo o interesse público, Oliveira Filho, Meirelles e Coutinho (2015) chegaram à conclusão de que o conceito se relaciona com a autonomia do cidadão e o debate público, sendo que “a comunicação que tem como princípio o ‘interesse público’ é apresentada como aquela capaz de promover debates que visam à melhoria social e, portanto, sendo aquela que se distancia de interesses particulares e comerciais” (Oliveira Filho; Meirelles; Coutinho, 2015, p. 10).

Estudos recentes têm buscado ressignificar a interpretação de esfera pública e do próprio interesse público – inclusive na definição acerca dos assuntos que compõem este último. Juliana Gutmann (2012), utilizando de estudos de Wilson Gomes e Peter Dahlgren, demarca a necessidade de reapropriar a concepção de interesse público de forma que “incorpore as relações entre práticas culturais, discursos institucionais e produções de sentidos, as quais dependem das interpretações das audiências” (Gutmann, 2012, p. 36). Neste sentido, o interesse público passa a ser ampliado, envolvendo construções de sentido, a cultura e a sociedade. Portanto, não mais se limitando a assuntos privilegiados pelo sociólogo Jürgen Habermas em seu primeiro ato, como política e economia.

Vislumbra-se, portanto, as funções sociais da imprensa como serviço: informação, entretenimento, psicoterapia e inclusão social. O contato com conteúdo dos meios de comunicação oferece uma forma de diálogo que abre portas visíveis



e invisíveis para o mundo, auxiliando o indivíduo em seu sentimento de pertença e fortalecendo sua conexão a diversos grupos. Ou seja, os meios desempenham um papel importante no processo de socialização, considerando o conceito de socialização como o processo pelo qual o indivíduo adquire a cultura e interioriza normas sociais do grupo ao qual pertence, comportando-se de acordo com as expectativas sociais (Hias, 2003). Pode-se afirmar que a mídia transmite valores, ideologias e crenças das quais emergem representações sociais acerca de determinados grupos.

A discussão desenvolvida neste tópico aponta para duas considerações, que se configuram também como cautelas, ao lidar com a mídia, o jornalismo e os acontecimentos sociais ligados às migrações. A primeira delas é que ao ser considerado um acontecimento social, principalmente nos estados brasileiros mais afetados, como Roraima (UNICEF, 2019), as migrações se tornam um tema de interesse público. E neste sentido ainda emerge: quem é (são) esse (s) público (s)? Dados da Unicef (2019) põem em evidência que pouco mais de 30 mil venezuelanos vivem em Boa Vista. Portanto, além das pessoas nativas e de brasileiros que migraram para Roraima, os venezuelanos também são (potenciais) consumidores das notícias produzidas pelos veículos de comunicação de escalas local, regional e nacional.

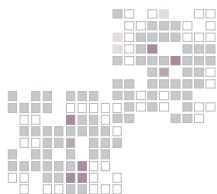
A segunda cautela é a de reconhecer que independentemente do modelo de mídia, público, comercial ou estatal, há uma demanda em observar como as produções contemplam e contribuem para o desenvolvimento social das regiões afetadas pela migração. Isso acontece pela própria característica constitucional da mídia enquanto serviço público. Aragão e Santi (2018), por exemplo, consideram que nos espaços migratórios, o “papel da mídia aparece como primordial para fazer com que a população compreenda o fluxo imigratório, e se posicione como cidadão diante desse fenômeno” (Aragão; Santi, 2018, p. 143).

2.1 O jornalismo fronteiro e o “outro” na mídia local

Soares e Jara (2012) consideram que as áreas fronteiriças são lugares em que misturam-se aspectos econômicos, sociais, políticos, ambientais e também comunicacionais. Além de reportar os acontecimentos, os sentidos do jornalismo fronteiro também contribuem para integração. Identifica-se que tais áreas lidam com extremos: geralmente são lugares distantes dos centros de poder político e econômico, mas por outro lado, há interesse nacional em preservar suas demarcações. Frequentemente a atuação política também não é precisa – já que as políticas aplicadas em um lado da fronteira se refletem no outro lado. Assim, “os profissionais de comunicação que atuam nas regiões de fronteiras não têm uma tarefa fácil de ser cumprida, já que além da técnica e a ética jornalística, necessitam ter um conhecimento sobre ambos os países vizinhos” (Soares; Jara, 2012, p. 2). Esse cenário implica a consideração de que não é possível lidar com o jornalismo fronteiro como sendo único, mas sim, como singular em cada espaço.

Nesse contexto, entende-se que a mídia local desempenha um papel importante ao destacar eventos e atores sociais. Isso acontece pelo discurso ser o espaço em que o poder se articula, uma vez que quem fala, o faz a partir de um local de enunciação. Hall (1997) afirma que as posições de enunciação envolvem práticas de representação. Segundo Foucault (2007, p. 37), “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”.

Nielsen (2015) afirma que a cobertura de eventos e fatos pelos jornais locais podem auxiliar no desenvolvimento de um “senso de comunidade” através do compartilhamento de experiências. Assim, ao reportar assuntos que envolvem as migrações em Roraima, a mídia local auxilia a



construir a imagem dos imigrantes, mostrando seu lugar de pertencimento e posicionando sua audiência com relação ao tema. A mídia também define relações entre diferentes atores (Fairclough, 1995; Hall, 2013), ao, por exemplo, separar grupos e identidades, simplificando os posicionamentos sociais no binário “nós” e “eles”. A fonte de informação escolhida pelos jornalistas tem como um dos objetivos legitimar a notícia, sendo autorizados pela sociedade a proferir um discurso sobre o mundo ou sobre o estado das coisas e dos fatos. A fala não é neutra, está impregnada de significados e seu posicionamento na notícia é estratégico. Para Foucault (2007) o discurso é um espaço de exercício do poder e, como espaço de mediação social, o jornalismo constrói sentidos e significados por meio de seus discursos, envolvendo, entre outros aspectos, disputas identitárias e de representação.

De acordo com Hall (2013), as identidades são representações construídas com base na divisão e no lugar que o “outro” ocupa, mesmo que temporariamente. No processo de representação, algumas identidades são privilegiadas sobre outras, criando pontos nodais: de um lado aqueles que possuem poder social e, de outro, aqueles que são definidos por aqueles que detêm o poder (Laclau; Mouffe, 2001).

Ota (2011), com olhos nas fronteiras do Brasil no Mato Grosso do Sul, também afirma que a mídia local inserida nos espaços fronteiriços contribui para a representação simbólica e identitária daqueles que ali vivem. Utilizando dos trabalhos de Carlos Camponez, sobre o jornalismo de proximidade, diz que a imprensa local pode ter maior comprometimento com a região e com a comunidade do entorno, já que lida com um recorte de um espaço mais vasto. A autora exemplifica que na fronteira sul-mato-grossense, o jornalismo apresenta problemas na sua efetivação, entre eles: dependências dos meios com o poder político local, ausência de informação isenta,

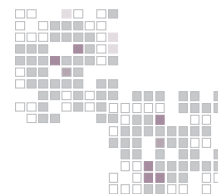
falta de critérios de noticiabilidade, falta de estrutura organizacional e empresarial e ausência de infraestrutura, como equipes e equipamentos (Ota, 2011, p. 130).

3. Apontamentos metodológicos e objetos de análise

A coleta das notícias foi realizada em 2019 entre os dias 02 e 14 de setembro, no site do JRR 1ª Edição no portal G1 Roraima, e de 09 a 14 de setembro, no site do jornal Folha de Boa Vista. No total, foram analisados 55 vídeos, totalizando duas semanas de exibição do JRR 1ª Edição, telejornal Praça 1 exibido de segunda-feira à sábado às 11 horas em Roraima, e 218 notícias do jornal Folha de Boa Vista. A aproximação com a empiria foi realizada concomitantemente em duas frentes: a quantitativa e a qualitativa. A parte quantitativa utiliza-se como base conceitual-operacional a análise de conteúdo de Bardin (2011), com inferências para aplicação no telejornalismo e nas mídias digitais – como a reflexão acerca dos sentidos que perpassam pelos textos visuais e pelos recursos de composição audiovisual.

A coleta foi dividida em dois grupos: o Grupo A, dedicado às notícias que lidam diretamente com o tema das migrações; e o Grupo B, onde foram inseridas as demais notícias. A justificativa para a visualização das notícias do Grupo B é a de identificar se a mídia local insere os imigrantes venezuelanos enquanto fontes de outros assuntos – já que quase 10% da população da capital de Boa Vista é de venezuelanos. Em outras palavras, busca-se identificar se o telejornal reconhece ou não esse público enquanto uma população que participa da vida pública roraimense por meio de assuntos que fazem parte do cotidiano, como saúde, educação, trânsito, política, entre outros.

A identificação do imigrante é realizada por gestos interpretativos, como sotaque, fenótipo, nome, sobrenome ou pelo próprio texto jornalístico. Outros dados que fazem parte da fase



quantitativa são: tempo de duração e tamanho das reportagens e da fala das fontes, assunto das notícias (editoria), quantidade de inserções da temática de migrações ao longo do período analisado e quantidade de entrevistados.

Já a parte qualitativa é desenvolvida com base no estudo de Oliveira Filho (2016), que elabora matrizes para analisar a qualidade do conteúdo e da técnica dos telejornalismos de emissoras públicas e privadas. Como esta pesquisa dedica-se a um telejornal oriundo de uma emissora privada (Rede Amazônica/Boa Vista), utiliza-se apenas um recorte da matriz voltada para emissoras privadas: a categoria relativa à ética (Oliveira Filho, 2016, p. 153). Nela são descritas cinco perguntas, cujas respostas podem auxiliar a refletir sobre a qualidade de uma notícia. Com adaptações ao objeto de estudo desta pesquisa, incluindo às especificidades do portal de notícias online, foram elaboradas as seguintes perguntas de caráter qualitativo:

- São abordadas pessoas com diferentes visões sobre o assunto?
- Os/as imigrantes são ouvidos/as?
- Há favorecimentos de fontes e/ou de ponto de vista?
- Todos/todas os/as envolvidos/as na notícia são ouvidos/as?

As perguntas nem sempre são passíveis de respostas e não devem ser vistas como ponto de chegada, pelo contrário: elas atuam como fissura de entrada para refletir sobre os sentidos atrelados às maneiras como as migrações e os imigrantes são figurados pelos jornais. Cabe ressaltar ainda que apesar de utilizar como referência metodológica um trabalho sobre qualidade no jornalismo, não compõe entre os objetivos da análise apontar se determinada notícia possui ou não qualidade. Essa temática é controversa e a adesão à metodologia desenvolvida por Oliveira Filho (2016) se

justifica por ser um método objetivo que permite identificar e discutir elementos que contribuem para a produção de sentidos no jornalismo.

3.1 Contato com a empiria

Durante as 12 edições acompanhadas identifica-se uma ausência da inserção do tema e dos sujeitos envolvidos nos processos migratórios no JRR 1ª Edição. No Grupo A, foi registrada apenas uma nota coberta, intitulada no portal G1 Roraima de “Produtos feitos por venezuelanos são expostos em feira em Boa Vista”. A nota, exibida na edição de 14 de setembro, teve 34 segundos de duração, incluindo a cabeça lida pela apresentadora. Conforme já prevê o formato de nota coberta (Souza, 2015), não houve inserção de sonoras, nem gravação de passagem por um repórter no local. Assim, a figuração das venezuelanas é realizada, para além do texto verbal, pelas imagens das artesãs, do artesanato e das comidas típicas da Venezuela. As imagens são exibidas em planos aberto e médio, sem focar nos rostos das venezuelanas. Questiona-se os sentidos de evitar mostrar as imigrantes em close ou plano fechado, de forma a destacar as marcas faciais e identitárias que emergem por meio das expressões dessa parte do corpo. Assim, um possível enquadramento intimista é substituído por imagens amplas e até certo ponto genéricas, como a da tenda que poderia ilustrar qualquer outra feira de artesanato (Figura 1).

A locução em off diz que “a feira é uma parceria de instituições católicas que buscam ajudar venezuelanos pra que eles tenham geração de renda aqui no Brasil”. Apesar de destacar uma ação positiva local, o voluntariado, e ser um dos elementos que estudiosos do jornalismo local destacam como atrelados à prática jornalística nesses espaços (Barkin, 1987), o imigrante é abordado como um sujeito dependente. A sua independência, a autonomia e o empreendedorismo são ofuscados por instituições religiosas descritas, no âmbito

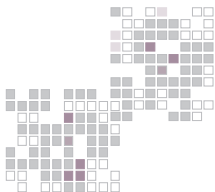


Figura 1 – O enquadramento da nota coberta da feira de artesanato venezuelana



Fonte: G1 Roraima, 2019

da notícia, como únicas responsáveis pela organização da feira (mesmo sendo as venezuelanas as responsáveis por fazer os alimentos típicos e os artesanatos do evento). Em nenhum momento sugere-se uma condenação acerca deste tipo de evento e parceria, que, aliás, é importante para a integração dos imigrantes no cotidiano social e econômico roraimense. No entanto, a partir da constatação de que as venezuelanas não têm voz na notícia e não são apontadas como umas das organizadoras da feira, apaga-se o protagonismo e suas condições enquanto agentes sociais.

Verificou-se algo semelhante nas notícias publicadas pelo site da Folha de Boa Vista. Das 218 notícias analisadas, apenas quatro encontram-se no Grupo A. Dentre elas, destacam-se as intituladas “Governo Federal pediu novo prazo para elaborar plano de assistência a RR” e “Japão faz doação para ajuda a refugiados em Boa Vista”, evidenciando que a mídia local tratou os assuntos ligados à imigração de forma a dar foco à questão assistencialista, o que corrobora na figuração do imigrante venezuelano como “outro”.

No Grupo B, onde foram inseridas as notícias com outras temáticas, foram identificados 54 vídeos do JRR 1ª Edição e 214 notícias publicadas no site da Folha de Boa Vista. Conforme estabelecido na metodologia, o objetivo desse grupo é o de verificar se os imigrantes são inseridos como sujeitos que fazem parte dos acontecimentos sociais do estado de Roraima, ocupando não mais apenas a condição de “imigrante”, mas também de cidadão/morador do município que utiliza e se apropria do espaço público – podendo, portanto,

possuir voz em notícias de diversas temáticas.

No entanto, na coleta do telejornal, em apenas dois vídeos os imigrantes foram mencionados. No dia 12 de setembro foi exibida uma entrevista de estúdio intitulada “Reitor da Universidade Federal de Roraima fala sobre os 30 anos da instituição”. Nela, o então reitor da UFRR faz um balanço de sua gestão à frente da instituição. Com o tempo total de 6 minutos e 44 segundos, o entrevistado utiliza 13 segundos para falar que houve políticas voltadas para as migrações. Novamente, apesar da menção, não há a inserção dos venezuelanos e sequer imagens que possam ilustrar a fala.

O segundo vídeo do Grupo B foi exibido no dia 12 de setembro e se refere ao vivo “Quadrilha é presa com 21 Kg de cocaína e R\$ 7 mil em Boa Vista”. Como duração de 1 minuto e 33 segundos, reportou que um grupo de dez pessoas foi preso pela polícia em Boa Vista, dentre elas, sete venezuelanas. O vídeo evidencia que nos escassos momentos em que os imigrantes são mencionados no telejornal, emergem também sentidos negativos – neste caso, envolvendo tráfico de drogas e atos ilícitos. Além disso, não há aprofundamento sobre o tema, como entrevistas com responsáveis pela operação ou mesmo a versão das pessoas acusadas.

O site da Folha de Boa Vista, por sua vez, do conjunto de 214 notícias do Grupo B, 19 mencionavam venezuelanos. As notícias “Maior facção da Venezuela tem núcleo agindo em Roraima”, “Dupla de venezuelanos é presa no Caranã”, “Mulher tem móveis roubados por amigo vene-



zuelano”, evidenciam que também neste meio a violência é o tema com o qual os venezuelanos são mais identificados.

Agrava-se a essa constatação, que o mesmo ocorreu em outros estudos com foco no jornalismo fronteiriço. Dias, Mascarelhas e Silveira (2011), por exemplo, ao analisarem a tríplice fronteira no sul do país, envolvendo Brasil, Paraguai e Argentina, identificaram que muitas das pautas abordadas eram relativas a temáticas negativas, como violência, terrorismo, exclusão social e contravenções legais. Ancorados nos estudos de mediação e na análise de jornais com cobertura fronteiriça, os autores indagam sobre como construir um jornal para a população local ao invés de amplificar as tensões sociais, para que se “dê voz à diversidade, desconstrua crenças e preconceitos e que reúna o ‘rebanho’ para a formação de um sentimento de comunidade” (2011, p. 10).

Considerando os estudos sobre identidades (Vayer; Rocin, 1989; Hall, 2011), pode-se afirmar que os imigrantes venezuelanos, apesar de partilharem os mesmos espaços que os brasileiros em Roraima, são representados pela mídia como os “outros” – evidenciando tensões nos espaços sociais simbólicos e físicos.

3.2 O silenciamento na mídia local

Identifica-se que em 52 notícias exibidas pelo JRR 1ª Edição e em 199 notícias publicadas pelo site da Folha de Boa Vista não há qualquer inserção dos imigrantes. É como se essas pessoas, que somam pouco mais de 30 mil habitantes em Boa Vista (UNICEF, 2019), não existissem. Isso se torna mais perceptível quando se nota que do total de 105 pessoas entrevistadas nas 12 edições do telejornal, nenhuma era imigrante – utilizando como fator de identificação o nome, o sotaque, o fenótipo, o crédito ou o texto do repórter.

No dia 06 de setembro, por exemplo, na reportagem sobre o evento “Roraima AgroShow”, o repórter mostra um evento tradicional do esta-

do, que reúne feira agropecuária e programação cultural. A reportagem tem nove sonoras, entre organizadores, músicos, expositores e visitantes. A quantidade é alta considerando a rotina produtiva do telejornal e as demais matérias exibidas no período. No entanto, nenhum dos entrevistados é migrante, inclusive entre as quatro sonoras de “populares” que foram ao local apenas para conhecer o evento.

Numa outra via, observa-se que o telejornal é aberto a outras culturas nacionais, como a do extremo sul do país. No dia 13 de setembro, o vivo “Semana da Farroupilha começa nesta sexta em Boa Vista” convida a audiência do JRR 1ª Edição para participar do evento que celebra a cultura do sul e o dia do gaúcho. Na edição do dia seguinte, é exibido um *stand-up* em que a repórter aparece com um chimarrão na mão e entrevista um dos organizadores”. No total, as duas inserções têm duração de seis minutos e dois segundos.

Este caso permite refletir como a cultura do sul, que também é oriunda de imigrantes, no caso, europeus, é valorizada pelo telejornal. Tanto que ganha um tempo considerado razoável nos dias em que foi noticiada. A participação da repórter bebendo o chimarrão reforça essa constatação. O caso permite afirmar que, considerando o período analisado, o noticiário não é fechado à diversidade cultural nacional e estadual, até porque reconhece a existência da cultura gaúcha em Roraima e, em outros vídeos, mostra a situação de tribos indígenas locais, como na notícia “MPF cobra atenção básica a índios Yanomami em Roraima”, exibida no dia 12 de setembro. Um cenário que, de acordo com o levantamento, não se repete no caso dos imigrantes venezuelanos.

Outro caso particular é relativo ao quadro institucional “Fala Comunidade”, dedicado a mostrar problemas que atingem a infraestrutura dos bairros das cidades que compõem a área de cobertura do JRR 1ª Edição, como buracos, problemas no saneamento, falta de pavimentação, entre



outros. No período de análise, foram exibidas cinco reportagens que lidavam com tais assuntos. O quadro se constitui um lugar privilegiado para se observar as pessoas comuns que habitam o espaço público: a parcela da população que muitas vezes não é atendida com os serviços básicos. Nestas reportagens, também não foi registrada a presença imigrantes.

Do mesmo modo, na Folha de Boa Vista a presença dos venezuelanos ocorreu em apenas 19 das 218 notícias e em nenhuma o imigrante é fonte. Pode-se afirmar que nesse meio eles são frequentemente apresentados como objetos a partir dos quais se desenvolvem os textos jornalísticos sobre violência e assistencialismo.

4. Considerações finais

Ao se debruçar sobre as quatro perguntas in-feridas na metodologia para análise qualitativa verifica-se que não há pluralidade de vozes e de pontos de vista, tanto nas matérias do Grupo A quanto nas do Grupo B. Isso acontece porque os imigrantes venezuelanos não são inseridos como cidadãos autônomos na mídia. Assim o favorecimento de perspectivas e de fontes ocorre de acordo com aqueles que detêm o poder do discurso e, conseqüentemente, o poder de delimitar as linhas que separam “nós” e “outros” (Foucault, 2007; Hall, 2013).

Questiona-se até onde esse silenciamento midiático - que não é neutro e que demarca uma relação de poder - também contribui para a exclusão dessa população no cotidiano sociocultural de Roraima. Neste sentido, elencam-se duas hipóteses

que podem auxiliar a compreender os resultados encontrados nessa aproximação empírica-teórica. A primeira é que a diferença cultural pode ser um entrave para a inserção dos imigrantes na mídia. Como a intensificação das emigrações da Venezuela para o Brasil ocorreu ainda nesta década, talvez haja uma dificuldade das rotinas produtivas dos jornais em lidarem com as diferenças socio-culturais, como a língua e os costumes.

Esta primeira hipótese está interligada com a segunda: a da possibilidade dos imigrantes não reconhecerem a mídia local com um lugar a ser apropriado. Esta perspectiva é fundamentada, entre outros elementos, pela ausência de venezuelanos no quadro “Fala Comunidade” e em notícias que lidam com acontecimentos sociais locais. Portanto, são os venezuelanos que não procuram os jornais ou os jornais que não procuram os venezuelanos?

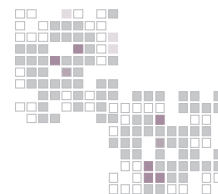
Por fim, cabe ainda ressaltar que a pesquisa e o levantamento realizados neste trabalho fazem parte de um movimento de pesquisa em andamento. Acredita-se que uma observação participativa na rotina produtiva dos jornais pode fornecer dados mais precisos e elementos que possibilitem uma reflexão mais profunda acerca da temática. No entanto, os resultados encontrados aqui fazem acender um sinal de atenção no campo da Comunicação para pensar em caminhos de pesquisa que se debrucem na relação da mídia com os processos migratórios, inclusive com estudos de recepção que permitam investigar tal articulação com atos xenofóbicos e de ameaça aos Direitos Humanos e constitucionais.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Tainá; SANTI, Vilso. O uso das redes sociais na produção midiática alternativa sobre a migração venezuelana em Roraima. *Atu-
rá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, v. 2, p. 136-156, 2018.
BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BARKIN, Steve. Local television news. *Critical Studies in Mass
Communication*, v.4:1, 1987, p. 79-82.

COUTINHO, Iluska (org.). *A informação na TV pública*. Florianó-
polis: Insular, 2013. 320 p.



- DIAS, Anelise; MASCARENHAS, Gregório; SILVEIRA, Ada. Série "Fronteiras": a visão do Jornal Nacional sobre as fronteiras. **Cadernos de Comunicação**, v. 15, n. 2, 2011.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- G1. Após a crise migratória em Roraima, venezuelanos contam como é a vida em outros estados. G1 Roraima, 2018. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/bzS67>>. Acesso em: 11 jan 2020.
- GUTMANN, Juliana. **Formas do telejornal: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva**. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador-BA, 2012, 270f.
- HALL, Stuart. Quem Precisa da Identidade? In: HALL, Stuart; SILVA, Tomaz. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 103-122.
- HALL, Stuart. The spectacle of the "Other". In: HALL, S. (Ed.) **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage/Open University, 1997.
- HANSON, Rebecca. Deciphering Venezuela's Emigration Wave. **NACLA Report on the Americas**, v. 50, n. 4, 2018, p. 356-360.
- HIAS, Francine. **Representações sociais de conhecimento sobre a AIDS: A restituição de mensagens preventivas escritas por parte de adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003, 64f.
- JAMBEIRO, Othon. A regulação da TV no Brasil: 75 anos depois, o que temos? **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.13, n.24, p.85-104, 2008.
- LACLAU, Emesro; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and Socialist Strategy**. London: Verso, 2001.
- NIELSEN, Rasmus. **Local Journalism: the decline of newspapers and the rise of digital media**. New York, London: I.B. Tauris, 2015.
- OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. **Qualidade no telejornalismo: parâmetros para avaliação em emissoras públicas e comerciais**. 2016. 227f. Dissertação (mestrado acadêmico, Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio; MEIRELLES, Allana; COUTINHO, Iluska. A conceituação de Interesse Público nos Anais dos Congressos Intercom Nacional. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. In: **Anais...** São Paulo: Intercom, 2015.
- ONU. **Report of the Human Rights Council**, n. 53A. ONU: New York. Disponível em: <<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/G18/317/36/PDF/G1831736.pdf?OpenElement>>. Acesso em 23 set. 2019.
- OTA, Daniela. Mapeamento da mídia fronteira em Mato Grosso do Sul. **Geografias da Comunicação: espaço de observação**, 2011.
- QUERÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n.6, Lisboa, 2005.
- R4V. Plataforma Regional de Coordinación Interagencial. Disponível em: <<https://r4v.info/es/situations/platform>>. Acesso em 05 mar 2020.
- SOARES, Marcelo; JARA, Tainá. Jornalistas da Fronteira Brasil/Paraguai. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. In: **Anais...** São Paulo: Intercom, 2012.
- SOUZA, Carlos Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. 2 ed. (versão eletrônica). São Paulo: Summus, 2015.
- UNICEF. Crise migratória venezuelana no Brasil. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>>. Acesso em 16 de setembro de 2019.
- VAYER, Pierre; RONCIN, Charles. **A Integração da Criança na Classe**. São Paulo, Brazil: Manole, 1989.

